

O casamento das laranjas maduras na beira da praia

Poucas piadas lésbicas circulam no meio e fora dele. Uma das mais comuns é:

O que uma lésbica leva no segundo encontro?
O caminhão de mudança.

Se a piada fosse minha, prolixa que sou, diria:

Seu próprio caminhão lotado de Playboys, lembranças e bilhetinhos de outros relacionamentos, pochetes de couro, kit de manicure (Trim, escovinha e lixa), DVD pirata da série L Word, discografia completa da Ana Carolina, Zélia Duncan, Marina Lima e o que sobrou da obra da Simone depois de excessivas execuções, colônia Très Brüt de Marchand para o dia, Pólo by Kim para as tardes e Azzarro para as noites e desodorante Axe Aerosol Touch para todas as horas.

Confirmando o fundo de verdade dessa piada, fomos muito breves. Salvo raríssimas exceções, quando a responsabilidade profissional falou mais alto, ela ouviu meus resmungos noturnos dia após dia desde que experimentei sua lasanha descongelada.

Confira a cronologia:

Dia 30 de novembro de 2002 fomos apresentadas pela gringuiha.

Dia 4 de dezembro de 2002 ela me deu um beijo.

Dia 5 de dezembro de 2002 ela me deu vários beijos.

Dia 15 de dezembro de 2002 ficamos noivas.

Dia 3 de março de 2003 nos casamos à beira-mar.

Após 93 dias a contar da apresentação, o que equivale a 89 dias após o primeiro beijo, nos casamos. Na verdade, esses não eram exatamente meus planos, mas, como uma lésbica típica, sucumbi.

Resolvemos nos presentear com uma viagem a Fernando de Noronha. Quando aceitei o presente, não imaginei o que estava por vir. Empolgada com nossa primeira lua-de-mel, esqueci que não éramos casadas e subestimei minha aerodromofobia.

Com dor na garganta por causa do nó, coração ainda taquicárdico e a cabeça atordoada por um sem-número de palavrões proferidos mentalmente, cheguei a Natal. A Karla chegou plácida; então concluí que meus esforços não deixaram transparecer o nível da fobia. Vencida a primeira barreira, já pensava na muralha do dia seguinte: teco-teco até a ilha. Fudeu!

Quando chegamos ao hotel onde passaríamos a noite até o próximo pesadelo, achei que estava sonhando: assim que entramos na suíte, duas camas de solteiro nos aguardavam. Meu coração disparou, na garganta um nó se fez e um zumbido tapou meus ouvidos, tamanha a altura e o

baixo calão do palavrão que meu subconsciente proferiu.

“Amor, você não reservou cama de casal?”

“Reservei, Bicho, reservei...”

“Ah, eu vou resolver isso é agora mesmo!”

A Karla saiu pisando duro, e eu atrás dela:

“Calma, calma, deve ser uma confusãozinha, deixa que eu resolvo.”

“Mas eu estou calma!”

Ela andava simplesmente como quem tinha pressa, e eu me esforçava como quem disputa a medalha dos 200 metros rasos nas Olimpíadas. Ela chegou antes.

Com o *voucher* em punho e o indicador sob o X que assinalava a opção *double* na reserva:

“Você sabe o que significa um X no quadradinho ao lado da palavra *double*?”

“Sim, senhorita.”

“Então, por que motivo estamos no quarto 212, onde há duas camas de solteiro e não uma de casal?”

A recepcionista, ligeiramente gaga:

“É que nós achamos que a reserva estava errada. Quando vimos Srta. Patricia e Srta. Karla, presumimos que duas camas de solteiro seriam mais apropriadas.”

“Não me admira, dado o nível dessa espelunca, que vocês tenham larga experiência com reservas erradas. Mas desta vez, incrivelmente, a reserva estava certa. Quarto de casal, por favor!”

Dez minutos depois estávamos hospedadas no 269 – sugestivo, não?

Sem muitas opções, passamos o fim daquela tarde na praia mais próxima ao hotel. No dia seguinte pela manhã já seguiríamos rumo a Fernando de Noronha. Cheguei a

consultar, sem a Karla saber – lógico! –, a possibilidade de alcançar a ilha a nado, mas era fora de cogitação.

Grande, Prainha ou Mole. Acho que um desses é o nome da praia onde estávamos – esse é um caso em que o detalhe é muito relevante, mas eu não consigo me lembrar do nome da bendita praia de jeito nenhum. Ah! Acho que era Praia da Benedita... não, Barraca da Benedita na Praia Bendita. Sei lá!

A praia não era nada de tanto assim; pelo contrário, para nosso gosto, era esquisitíssima: areia estreita, cheia de barracas com mesas e cadeiras, água não-cristalina e ambulantes desesperados por uma vendinha que fosse. A nosso favor, só a ausência de pessoas – era uma segunda-feira.

Foi lá, às 17h30, que nos casamos. O cenário parecia não ser o ideal, mas se tornou. Instaladas numa barraca, sob a sombra de um guarda-sol, tomando suco de caju, brindamos.

Nada foi premeditado, pensei no vôo do dia seguinte e na iminente possibilidade de enfartar. Ponderei o fato de viver uma lua-de-mel sem ao menos estar casada. Recapitulei os 93 dias mais maravilhosos de minha vida até então. Meu coração sumiu de meu peito: “Casa comigo, Bicho?” Ela desnudou meus pensamentos como se estivesse dentro de mim. Nossos olhos simultaneamente foram umedecendo entre sorrisos tímidos. Depois de um longo abraço, ela sacou sua inseparável caneta e em meia face de um guardanapo escreveu a primeira cláusula de nosso próprio contrato nupcial. Nossos olhares só se desgrudavam durante o ato da transcrição das palavras. Olhos

nos olhos, inundados de lágrimas, nós alternamos a formulação das cláusulas. Enquanto pensava, eu sorria, brincava com o futuro, chorava e sorria. E, enquanto ela pensava, eu admirava aquela mulher tão linda.

Contrato nupcial

De um lado Patricia Yury Assumpção, portadora do RG tal, e de outro Karla Barbosa Lima, portadora do RG tal, firmam no presente momento o contrato nupcial regido pelas cláusulas descritas a seguir:

- 1) Este casamento é baseado em amor, acima de tudo, e também em respeito, sexo, companheirismo, cumplicidade, diálogo, apoio mútuo, verdade e lealdade – esses oito itens não necessariamente nessa ordem.
- 2) As partes elegem, desde já, a compreensão como ferramenta principal das questões individuais, e a harmonia como cenário constante em qualquer situação.
- 3) As partes concordam que o desenvolvimento da outra interessa tanto quanto o seu próprio, se não mais. E, portanto, ambas se comprometem a ter esse fato como objetivo principal em todas as ações.
- 4) Em caso de viuvez súbita e/ou precoce, caberá à parte que ficou dar seguimento aos planos, realizações e conquistas. À parte que se foi caberá suportá-la espiritualmente nessas ações, e preparar uma grande recepção por ocasião do reencontro.
- 5) As partes se comprometem a diminuir a distância entre os conceitos-chave da boa convivência,

cada uma revendo sua parte, de modo a minimizar as diferenças entre os opostos já descobertos e os que estão por vir.

- 6) Eu, Patricia, espero que ela me ame apesar dos meus defeitos e por causa das minhas qualidades. E, em contrapartida, me comprometo a diminuir os “apesar dos defeitos” em frequência e intensidade, incluindo ser menos sensível e não bufar quando ela quiser dormir.
- 7) Eu, Karla, espero que ela me ame apesar dos meus defeitos e por causa das minhas qualidades. E, em contrapartida, me comprometo a diminuir os “apesar dos defeitos” em frequência e intensidade, incluindo ser menos bruta e não bufar quando ela quiser discutir a relação.

§ Em ambos os casos, revirar os olhos é permitido.

A quebra de qualquer uma das cláusulas implica a revisão do termo ora acordado, cabendo às partes a decisão sobre a renovação ou a rescisão do presente.

Natal, 3 de março de 2003.

“Eu vou vomitar! Que coisa enjoativa, quanta pieguice! Como tem gente miudinha nesse mundo, ô meu Deus!” Até o final de 2002, certamente essa seria minha reação diante desse texto. Mas eu saí em férias, conheci a Patricia, começamos a namorar e, menos de um mês depois, diante do mesmo material, eu exclamaria, com voz melosa e fazendo biquinho: “Ai, mas que coisa liiinda!”

Os amigos do trabalho foram os primeiros a notar que alguma coisa estava acontecendo comigo. Eu não tinha ficado rica, certamente não era alegria pelo retorno ao batente – só poderia ser um novo amor!

Pele viçosa, cabelos sedosos, olhos brilhantes e roupas novas? Hummm!... Gentil, paciente e com um bom humor inabalável? Não foi difícil para as seis mulheres com quem eu trabalhava acertarem em cheio e de primeira que, sim, eu estava apaixonada! Os colegas, o chefe e meus clientes se beneficiaram muito das mudanças que a Patrícia operou em mim – eles só não sabiam a quem creditar o milagre.

Ela tinha-me aconselhado a manter segredo sobre nós: não conhecendo nada do ambiente em agências, teve receio por mim. “Se você entrar na copa e o grupinho se calar de repente, você vai sentir-se horrível. É melhor se preservar; pela frente todo mundo aceita e diz que acha normal, mas cada vez que você sair de um ambiente vai ficar pensando nas fofocas que vão fazer pelas suas costas.”

Previsivelmente, meu silêncio só contribuiu para aguçar a curiosidade geral.

Muito tempo depois, fiquei sabendo que tinha existido uma bolsa de apostas sobre quem era meu novo amor. Parece até que o bolão extrapolou os limites de nosso pequeno grupo e chegou ao pessoal da cantina. Mas como as pessoas cuidam da vida alheia, não? Fiquei surpresa com tanta falta do que fazer.

O diretor de criação da agência estava em primeiro lugar, com 35% dos votos; um de meus clientes recebeu quase 20%; um amigo querido de quem eu falava muito ocupava a terceira posição e, na lanterna, figurava uma

celebridade qualquer. Afinal, diziam os apostadores desse item, se eu escondia tanto só podia ser alguém famoso: atleta, ator ou cantor. Imaginavam-me na capa da Caras, cobrindo o rosto, e um titulão denunciando tudo: “Fulano de namorada nova; ela não é do meio.” Quando soube disso, dei muita risada. Eu não fazia idéia de quem eram aqueles ídolos, não reconhecia um único nome naquela lista de artistas!

Seguindo a recomendação da Patricia, mantinha-me calada – só Deus sabe a que custo.

Finalmente, a brincadeira perdeu a graça. Passaram a se referir a meu amante como ET – achavam legítimo, já que eu parecia mesmo ter sido abduzida. Isso facilitava muito as coisas para mim, pois sendo ET um substantivo masculino, eu não precisava preocupar-me em mudar pronomes possessivos, artigos e adjetivos para o outro sexo. E o fato de eu não abrir a boca não impediu a mulherada de participar, ainda que indiretamente, de meu romance. Por exemplo, quando eu estava planejando a viagem para Fernando de Noronha, elas me obrigaram a comprar uma garrafa de champanhe, me presentearam com velas coloridas e gastaram horas me instruindo sobre a criação do clima certo: “Aproveita quando o ET for tomar banho, espalha as velas por lugares estratégicos e fica deitada assim de lado, enrolada no lençol, mas pelada por baixo. Deixa as taças por perto, mas sem que ele veja...”

A turma, numa animação incrível, não se conformava com os obstáculos que eu apresentava: o transtorno de carregar coisas frágeis e pesadas na bagagem, a possibilidade de o ET achar tudo e estragar a surpresa, o risco de eu incendiar o quarto do hotel – fora a brequice inominável

da cena: fazer charme, nua, num quarto bruxuleante! Para ser o retrato do inferno só tinha faltado recomendação de trilha sonora. Não sei como a Patricia teria reagido, mas eu, certamente, teria caído numa gargalhada incontável e constrangida. Não me lembro se chegamos a acender as velas, mas abrimos juntas o champanhe e nos divertimos criando histórias para eu contar na volta: “Nossa, gente, vocês tinham toda a razão! Ele ficou louco de desejo... Quando saiu do banho e me viu ali, com cara de tesão, mordiscando a ponta do indicador e toda dourada pela chama das velas, partiu para o ataque, sussurrando coisas picantes...”

Dois meses depois da viagem, cheguei a meu limite. Eu nunca me incomodei com maledicências e não iria começar aos 32 anos. De qualquer forma, já falavam de mim, de modo que só haveria alteração no assunto: de “Nossa, essa Karla é uma cavala!” iria provavelmente pra “Eu sempre desconfiei, sapatão é tudo mal-humorado mesmo!” Contei.

E, conforme eu suspeitava, nada mudou para ninguém em nenhum sentido. Quem não ia lá muito com minha cara continuou não indo e quem gostava de mim continuou gostando. Simples e honesto assim.